

NOTÍCIAS | ANO XV | RIO DE JANEIRO | AGOSTO 2017

FEBRA  PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[58]

WWW.FEBRAPSI.ORG

FEBRAPSI 50 ANOS:
*celebração com
psicanálise, arte
e cultura*

Contagem regressiva para o XXVI Congresso Brasileiro



UMA ATIVIDADE INTENSA

caracterizou as ocupações da diretoria da Febrapsi neste início de 2017. Ano especial no qual comemoramos, em 6 de maio, os cinquenta anos da Associação Brasileira de Psicanálise que há uma década passou a ser Federação. As programações científicas e sociais tiveram de ser montadas com cuidado e certa antecedência, além de uma preparação de um número comemorativo da Revista Brasileira de Psicanálise que exigiu um projeto sofisticado e um acompanhamento laborioso de realização. O evento foi marcado pela interlocução com a comunidade e a cultura, além de figurar um reencontro, uma confraternização com colegas que tiveram papel significativo na nossa história. Várias entidades como a FEPAL, FEP e IPA reconheceram, nessa oportunidade, a importância de nossa existência.

Temos também participado das reuniões da FEPAL e de suas atividades científicas e políticas assim como junto a IPA e seu congresso que se aproxima.

No primeiro semestre do ano, às vésperas do Congresso Brasileiro de Psicanálise, a ser realizado em Fortaleza no início do mês de novembro, a diretoria da Febrapsi tem colaborado com uma série de eventos preparatórios junto às federadas de Minas Gerais, Goiânia, São Paulo e Pelotas, e também junto aos núcleos de Florianópolis (com o apoio de suas sociedades-mães -SBPPA e SPPA) e de Salvador (com o apoio e participação de sua sociedade-mãe, SBPRJ). Os eventos apresentaram uma variação rica de temas em que, ao lado da preocupação teórico-clínica, haviam considerações no campo da cultura e do tempo atual.

Os novos tempos são turvos e turbulentos, nos defrontando com novas configurações de morte e vida. O que significa que não nos



Daniel Delouya
PRESIDENTE

faltam as esperanças. A diretoria de comunidade e cultura criou um espaço de Observatório Psicanalítico no qual os colegas destacam certa indignação assim como uma apreciação de certas ocorrências no cenário social do Brasil e do mundo. As observações estão, na maioria das vezes, em vias de reflexão psicanalítica e têm agitado uma troca viva e estimuladora entre os colegas. Neste grupo surgiu uma proposta de repúdio à ação da prefeitura de São Paulo em relação aos dependentes de droga que ocupam uma região no centro da cidade conhecida como Cracolândia. A assembleia dos delegados acolheu essa sugestão urgente e pertinente, já que o governo tratou essa população como infratora e não como necessitada de cuidados de saúde mental, setor ao qual pertencemos.

Quanto aos nossos canais de comunicação, no site e no Facebook, as sessões de verbetes psicanalíticos, na sequência de comentários de textos clássicos, lançada pela Diretoria de Divulgação, temos observado um crescente envolvimento dos nossos associados, ampliando nossos debates.

Todos esses temas se relacionam com as discussões que teremos logo, no início de novembro, dentro do nosso grande encontro, o Congresso Brasileiro de Psicanálise, em torno das Novas configurações de Morte e vida. Esperamos vocês!

"E DRUMMOND, POR TER SIDO POETA A VIDA INTEIRA,

pôde desenvolver essa faculdade de circular ininterruptamente entre a realidade pragmática e esse espaço imaginário onde tudo é possível." Foi nesse espaço de circularidade que Antonio Carlos Secchin, membro da Academia Brasileira de Letras, conduziu a todos que o assistiam a um verdadeiro estado de encantamento. Buscamos, nessa edição, compartilhar alguns momentos representativos das comemorações dos 50 anos da Febrapsi, realizadas no Rio de Janeiro nos dias 05 e 06 de Maio último. Além do texto de Secchin desconstruindo uma poesia de Drummond, temos as ideias apresentadas na mesa "A Psicanálise e a Mulher". A antropóloga Delaine Martins Costa, considerando que a produção do conhecimento é uma prática social, nos traz suas reflexões sobre a diferenciação entre as questões de gênero e sexo numa perspectiva multidisciplinar, enquanto a psicanalista Wania Cidade nos fala dos desafios, atravessamentos e resistências do tornar-se mulher, particularmente mulher negra, o mito de Oxum e a história da colega Virginia Bicudo, dois exemplos de lalodês (mulheres que se empenham em mudanças).

Nesse contexto de intensos debates sociais e políticos no Brasil, a Psicanálise também passa por um profundo questionamento sobre qual é o seu papel e a sua responsabilidade nesse processo de mudança. Para aprofundar o debate a Comissão Editorial solicitou duas reflexões: os colegas Maria Elizabeth Mori, Cintia Xavier de Albuquerque e Carlos Cesar Marques Frausino, aceitaram o desafio de um trabalho coletivo, trazendo um artigo enfatizando a questão da ética da responsabilidade na psicanálise. Já o colega Celso Gutfreind atendeu nosso chamado com um interessante artigo em que pensa a psicanálise contemporânea a partir da responsabilidade, e a responsabilidade a partir da arte.

Temos também as notícias do nosso Congresso Brasileiro, a Carta Aberta emitida pela Febrapsi por ocasião dos debates sobre a ocupação da Cracolândia em São Paulo e o desejo que desfrutem de mais essa edição do nosso Febrapsi Notícias.



Celso Halperin
EDITOR

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Celso Halperin

Comissão Editorial: Ceres Leonor Tavares, Magda Beatriz Martins Costa, Sandra Regina Wolfenbüttel

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Ana Klein DRT/RS 8741 Vera Nunes DRT/RS 6198

CAPA

Ines Rubiales Ceballos.
Obra "Confidencias"

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst

CLEMENTE DESIGN

IMPRESSÃO

Gráfica Camaleão

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704

RJ - CEP 22020-001

Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138

e-mail: febrapsi@febrapsi.org

www.febrapsi.org

50 anos

IMAGENS DOS MOMENTOS QUE MARCARAM A CELEBRAÇÃO DOS 50 ANOS DA FEBRAPSI

Nos dias 05 e 06 de Maio de 2017 os membros da Febrapsi comemoraram o aniversário da instituição através de uma empolgante jornada que celebrou a articulação da psicanálise com a arte e com a cultura.



Mesa de abertura do evento:

- Paulo Quinet de Andrade
- Daniel Delouya
- Rosa Maria Carvalho Reis
- Silvana Rea.



Presidente e ex-presidentes da Febrapsi: momentos de alegria e confraternização.



PSICANÁLISE E CULTURA

Palestrantes: Cláudio Eizirik e Paulo Sergio Rouanet (ABL) *detalhe*
Coordenador da Mesa: Paulo Quinet de Andrade



PSICANÁLISE E ARTE

Palestrantes: Leopold Nosek e Antônio Carlos Secchin (ABL)
Coordenadora da Mesa: Eliana Lobo



PSICANÁLISE E MULHER

Palestrantes: Wania Cidade e Delaine Martins Costa | Coordenadora da Mesa: Gleda Brandão Araújo



Mesa de encerramento do evento:

Anette Blaya Luz, Ney Marinho e Daniel Delouya.



FEBRAPSI DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO COM A POLÍTICA PÚBLICA SOBRE DROGAS ADOTADA NO BRASIL

Psicanalistas entendem que a complexidade da questão deve ser discutida com a sociedade.

A Assembleia de Delegados, reunida em Junho de 2017, na cidade de Salvador, debateu a necessidade da Febrapsi trazer a público seu posicionamento frente aos acontecimentos ocorridos na região conhecida como Cracolândia, em São Paulo. Compreendendo a necessidade das instituições que tratam da questão da saúde mental ter um posicionamento nesse importante debate, a seguinte Carta Aberta à População foi divulgada no Facebook da nossa Federação.

"A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) vem a público manifestar seu repúdio e preocupação com a política pública sobre drogas adotada no Brasil. Devido à complexidade desse grave problema de saúde pública, associado à violência e ao crime organizado relacionado ao tráfico, achamos fundamental que essas questões sejam refletidas em conjunto com a sociedade e com as instituições que trabalham com saúde mental. Ações violentas como as que aconteceram na Cracolândia, em São Paulo, no dia 21 de maio de 2017, além de inadmissíveis, promovem um forte impacto negativo sobre pessoas que já se encontram em severo estado de adoecimento. Esperamos que esse violento e despropositado episódio sirva para nos humanizar e indignar, conclamando a todos para uma reflexão mais ampla e efetiva sobre nossa responsabilidade em relação a essa população em situação de extrema vulnerabilidade. Apesar da postura crítica, a Febrapsi entende que conjuntamente teremos potencial para criar formas novas e multidisciplinares de abordar o problema das drogas, pois o desmantelamento das políticas públicas vem inviabilizando as soluções até aqui apresentadas. É necessário um engajamento coletivo acerca do tema das drogas, com uma abordagem reflexiva, para construir saídas decisivas para esse problema epidêmico. Não é pela exclusão e pela perseguição que encontraremos uma resposta eficaz para essa aguda situação. Precisamos pensar e buscar, juntos, novas alternativas!"

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE SOB NOVA GESTÃO

A Revista Brasileira de Psicanálise está dando início a uma nova gestão liderada pela Editora Marina Massi (SBPSP) e pelo Editor Associado Oswaldo Ferreira Leite Netto (SBPSP).

A ideia dos editores é que seja uma revista viva, implicada com o seu tempo, alinhada com questões emergentes de nossa época, sensível aos pensamentos de vanguarda na psicanálise, na ciência e na cultura, seguindo o papel de resistência e ousadia que tem sido a marca da trajetória da psicanálise.



CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Daniel Delouya
Secretária Geral: Anette Blaya Luz
Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille
Diretor Científico: Ney Couto Marinho
Diretora do Conselho Profissional: Rosane Muller
Diretor do Departamento de Publicações e Divulgação: Celso Halperin
Diretora de Comunidade e Cultura: Cíntia Xavier de Albuquerque
Diretora Superintendente: Rosa Maria Carvalho Reis

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Karel Ublo
Assessora de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Marina Massi
Editor Associado: Oswaldo Ferreira Leite Netto

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Ney Couto Marinho
Secretária: Regina Célia Cardoso Esteves
SBPSP: Silvana Rea
SPRJ: José Henrique C. Figueiredo
SBPRJ: Ana Maria Sabrosa G. da C. Nogueira
SPPA: Zelig Libermann
SPRPE: Carolina Cavalcanti Henriques
SPBsb: José Costa Sobrinho
SBPdePA: Patrícia R. Menelli Goldfeld
SPPel: Christine Marques Castro Vinhas
SBPRP: Thaís Helena Thomé Marques
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Leila Tannous Guimarães
SBPMG: Gisèle de Mattos Brito
SPFOR: Maria de Lourdes Negreiros Lima
GEPG: Luciane Guelli Gifford Carneiro
GEPCampinas: Vera Lucia Colussi Lamanno Adamo
GPC: Sérgio Seishim Kaio

DELEGADOS

Bernardo Tanis	Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro
José Martins Canelas Neto	Ana Márcia V. de Paula Rodrigues
Paulo da R. L. Quinet de Andrade	Eliana Maria dos Santos Lobo
Ronaldo Victor	Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
Wania Maria Coelho Ferreira Cidade	Maria de Fátima Chavarelli
Fernanda de Medeiros Arruda Marinho	Paulo Marcio Bacha
Maria Lucrécia Scherer Zavaschi	Edna Pires Guerra Torres
Eleonora Abbud Spinelli	Thereza Cristina Paione Rezende
José Fernando de Santana Barros	Regina Célia Cardoso Esteves
Magda Sousa Passos	Petrônio Sá B. Magalhães Júnior
Roberto Calil Jabur	Álvaro Alves Velloso
Carlos de Almeida Vieira	Marísia Abrão
Ana Paula Terra Machado	Martha Prada e Silva
Celso Halperin	Joice Calza Macedo
Hemerson Ari Mendes	Géo Marques Filho
Christine Marques Castro Vinhas	

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Bernardo Tanis

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Paulo da R. L. Quinet de Andrade

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Maria Lucrécia Scherer Zavaschi

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
José Fernando de Santana Barros

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Roberto Calil Jabur

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Ana Paula Terra Machado

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Hemerson Ari Mendes

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)
Eliana Maria dos Santos Lobo

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Maria de Fátima Chavarelli

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Edna Pires Guerra Torres

Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Regina Célia Cardoso Esteves

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Álvaro Alves Velloso

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Martha Prada e Silva

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Géo Marques Filho

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo de Psicanálise de Marília e Região	Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Maceió	Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis	Núcleo de Psicanálise de Uberlândia
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo	

CONTAGEM REGRESSIVA PARA O PRÓXIMO CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

Inclusão e pluralismo marcam a filosofia dos trabalhos.

O **XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise**, com o tema central: **Morte e Vida, Novas Configurações**, que acontece de 01 a 04 de novembro de 2017 no Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza, está com a programação praticamente completa que tomou forma graças ao apoio e participação das federadas e da grande receptividade por parte do ambiente cultural, universitário e, em particular, da juventude. "Possivelmente, isso se deve em grande parte à atualidade do tema e à filosofia do trabalho: *Inclusão e Pluralismo*", constata o diretor científico da Febrapsi, Ney Marinho.

GRUPOS DE TRABALHO reunirão estudiosos e interessados na obra de diversos autores ou correntes de pensamento para uma ampla e livre discussão das questões com que se defrontam ante os desafios de nossos tempos. Um coordenador e dois estimuladores do debate, em 15 minutos, levantarão temas para iniciar a conversa. São grupos abertos a todos os congressistas.

- Freud
- Melanie Klein
- Winnicott
- Bion
- Lacan
- Kohut

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS: Um analista é convidado a apresentar e discutir com os congressistas um tema de seu interesse e estudo, por uma hora.

- A Expansão do universo mental: em vida e face à morte
- Intolerância
- A Psicanálise e suas Clínicas
- Caesura e Binocularidade: Suas Vicissitudes no Exercício da Função Psicanalítica para a Apreensão e Aproximação de Fenômenos Psíquicos, no Indivíduo e no Grupo
- Psicanálise e Política
- Revisitando a Bissexualidade em tempos de Novas Configurações
- Ir aos Fundamentos. O Trabalho da Psicanálise
- Bispo do Rosário – Loucura, Arte e Psicanálise – Paradoxo e Mistério, Confusão Ideológica e Liberdade de Pensar
- O Posicionamento das Ideias de Green como Contribuição Contemporânea à Metapsicologia
- Criatividade
- O Poder nosso de cada dia

OS DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS se darão entre dois psicanalistas em torno de um tema, com duração meia hora, e mais 30 minutos de discussão com o público. Esta atividade poderá ser utilizada também como lançamento e debate do autor sobre seu livro.

- Nossa Herança Escravagista
- Dante e Virgílio – Resgate de uma Selva Escura (Livro)
- Heidegger ou As vicissitudes da destruição (Livro)
- Livro de Contos: Educação para Morte
- Corporeidade: o objeto originário concreto
- Uma hipótese psicanalítica em Expansão (Livro)
- Crônica dos Afetos – A Psicanálise no Cotidiano (Livro)
- Pulsão de morte e clínica psicanalítica: controvérsias
- Psicanálise e Política
- O Psicanalista, o Teatro dos Sonhos e a Clínica do Enactment (Livro)
- Os Fantasmas não Dizem Adeus (Livro)
- Dor psíquica, dor corporal: uma abordagem multidisciplinar (Livro)
- A Contemporaneidade Líquida ou Pós-modernidade e Favorecimento da Pulsão Destrutiva
- A Criatividade Clínica Aquém e Além do Princípio do Prazer
- Estilos do Cuidado: Psicanálise e o Traumático (Livro)
- Prazer e Repetição no Diálogo entre Colegas

CURSOS - Os Cursos ocorrerão nos três dias, com uma hora de duração, em torno de um tema específico. Estarão abertos a todos os congressistas.

- Novas configurações de morte e vida e as mudanças na técnica psicanalítica
- Ferenczi
- Green
- Poesia e Psicanálise: O Resgate da Poesia na Transferência
- Shibboleth: Freud e o Fundamental na Psicanálise
- Antonino Ferro
- A Prática Clínica de Atendimento Psicanalítico às Crianças com Manifestações de Autismo
- A morte do Patriarca ou do Patriarcado na Cultura e no Setting Analítico
- Morte e Vida, Finitude e Infinito: perspectivas a partir do pensamento de Matte-Blanco
- Vida e Tempo
- Evolução da Técnica Psicanalítica em Bion a partir de supervisões realizadas no Brasil
- Suicídio e Reações de Aniversário
- Figurações Psicanalíticas

MESAS REDONDAS: Estão previstas 121 ao longo do Congresso, entre discussões teóricas, discussões clínicas (18: exercícios clínicos, casos clínicos, mesas clínicas especiais sobre atendimento ao espectro autista, casais, famílias, grupos, a distância, pacientes psicossomáticos), mesas multidisciplinares e mesas especiais para homenagens póstumas.

Estão previstas também algumas **REUNIÕES ESPECIAIS** como da Associação Brasileira de Candidatos (ABC), COWAP; II Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa; Projeto Pensamento Psicanalítico Latino Americano (PPL); Encontro Internacional Bion/2018 (Ribeirão Preto), Congresso da FEPAL, entre outras.

TEMAS LIVRES: Foram reservados 36 espaços para apresentação de Temas Livres, agrupados segundo a afinidade de temas, dada a grande procura (mais de 100).

Foi reservado também um espaço para **POSTERS**. Reunião **PLENÁRIA**.





PAI NOSSO, QUE ESTAIS NO MATO

Antonio Carlos Secchin

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusó,
comprida história que não acaba mais.*

*No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.*

*Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!*

*Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.*

*E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusó.*

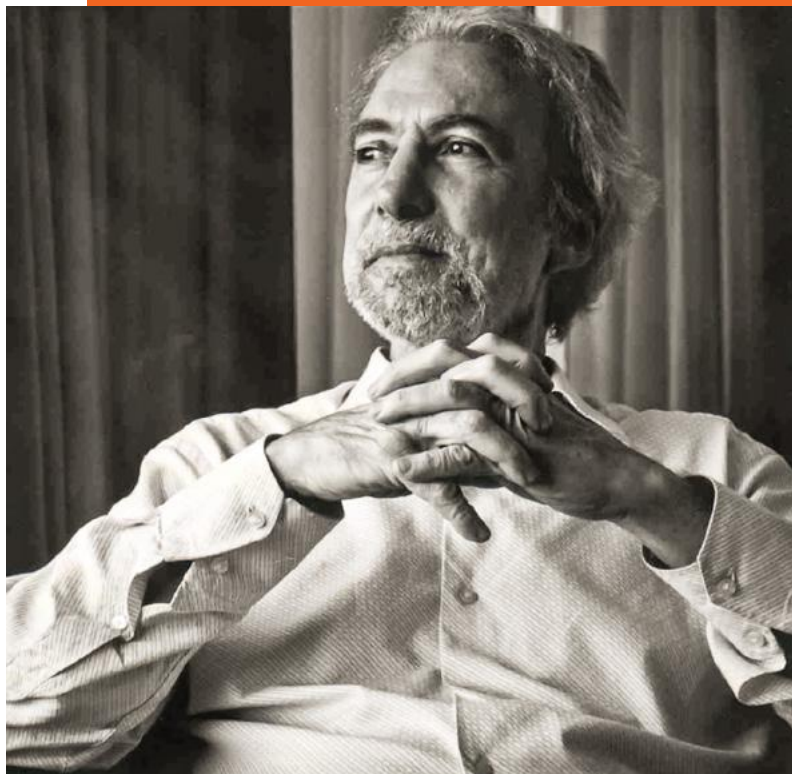
Eis um poema do primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, lançado em 1930. O primeiro texto do primeiro livro de Drummond é o famosíssimo "Poema de sete faces", o segundo é "Infância". Para um poeta atento à noção de obra (e não afeito à mera "junção de textos") não é casual a inserção de uma peça numa determinada posição dentro do conjunto. O que isso nos revela? O "Poema de sete faces", em seus versos "Mundo mundo, vasto mundo,/ mais vasto é meu coração", apontaria o desejo de amplitude na poesia de Drummond, seu ímpeto para o mundo. Mas já no segundo poema ele se recolhe para Itabira do Mato Dentro, para o texto de "Infância", em um movimento centrípeto.

As oscilações entre a atração do mundo grande e o enimesmamento na província já estão prenunciadas pela sequência dos poemas no livro de estreia. Logo após um texto inicial, que fala do "vasto mundo", surge outro em que há o recolhimento não só para um espaço preservado, interiorano e interiorizado, mas também para um tempo preservado, tempo mítico da infância. Podemos, ao longo da trajetória de Drummond, acompanhar esses sucessivos movimentos de sístoles e diástoles, de expansões e retrações. Num momento, predomina o cidadão com o

sentimento do mundo e, logo após, teremos um fazendeiro do ar, recolhendo-se em seus mais íntimos recessos.

O poema se tece numa linguagem coloquial, não há termos sofisticados, a cena descrita remete vagamente a um ideal de tranquilidade, de idílio bucólico. Na família, cada um ocupa as funções protocolares, num contexto de Casa Grande. Às vezes, há um certo descompasso entre uma apreensão ingênua do que o significado do texto apresenta de imediato e uma tensão ou uma contradição entre esse significado explícito, que é ofertado sem problema, e uma sutil orquestração da forma do poema, colocando em xeque as primeiras "verdades" mostradas. Numa fase da obra mais tardia de Drummond, as feridas familiares vão sangrar com grande intensidade. Lembremo-nos de "Os bens e o sangue", e de uma série de poemas dos anos 40 e 50 em que Drummond tematiza os dilemas e as fissuras da ordem familiar. Tais dilemas já estão lançados neste poema de 1930, como espécie de semente que vai frutificar mais tarde. Isso nos leva a tentar demonstrar como é importante atravessar o que vigora serenamente na superfície do texto para capturar o que se esconde na urdidura dos significantes. Retornemos à primeira estrofe:

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusó, comprida história
que não acaba mais.*



*Se falta símbolo ao
mundo, se falta arte na
realidade, a psicanálise
candidata-se a esse
espaço necessário
de encontro e
narratividade.*

Leitura primeira: o poeta descreve um quadro familiar aparentemente harmônico. Ninguém está em conflito, os membros da família são enunciados um a um. Atentemos, porém, para alguns problemas que o texto começa a nos colocar a partir da própria sequência na apresentação da família: o pai, naturalmente, encabeça o grupo. A mãe ocupa o previsível segundo lugar. Mas o irmão pequeno está em terceiro, e o menino Carlos vem por último. Ora, numa hierarquia não conflituosa, ele ocuparia o terceiro lugar, antes do irmão mais novo. A sensação da exclusão não é manifesta no significado do poema, mas comparece em sua forma, na medida em que Drummond se inscreve como o último dos elementos, fechando, ou se fechando, dentro dessa ordem anômala. Vejamos, agora, como essa família (não) se move. Todos estão envolvidos em atividade que implica simultaneamente movimento e estaticidade: "Meu pai montava o cavalo, ia para o campo". Em relação ao cavalo, parado; em relação ao campo, andando. "Minha



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*No meio-dia branco de luz, uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.*

*Cafê preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.*

mãe ficava sentada cosendo": parada, com movimento de mãos. O irmão, dormindo: tranquilidade e com oscilações possíveis do seu movimento de sono. Ele, sozinho, lia uma história. A mãe move os dedos na costura; ele repete esse movimento através da leitura, virando as páginas. E o pai, na rédea do cavalo, também fornece a sensação de que algo se move, mas também a de que algo está estático. A diferença é que, com exceção do pai, todos os outros estão literalmente parados: o bebê no leito, o futuro poeta sob a mangueira e a mãe sentada. O pai, em oposição, é aquele que se afasta. Então, de todos eles, é o pai, no verso 1, quem começa uma viagem de exclusão, uma viagem de afastamento em relação ao núcleo familiar. E o menino já se afirma como "gauche na vida", situando-se no quintal, território intervalar, duplamente deslocado, tanto em relação ao "dentro" da casa quanto ao "fora" da mata.

Nessa hierarquia, cada membro ocupa um verso. Há outro fator expressivo: os versos terminam por ponto. Exibem-se todos os membros da família, mas sintaticamente isolados. Um verso, um ponto. Assim, o trânsito familiar, que o leitor poderia supor pacífico, já é sutilmente embaralhado, tanto pela hierarquia meio gauche de haver o terceiro elemento vindo em quarto lugar, e o quarto em terceiro, quanto também pela presença dos pontos, obstando a que esse circuito familiar se engrene ou se integre de maneira mais contínua. A estrofe 1 se encerra por intrigante verso: "comprida história que não acaba mais". Do ponto de vista da gramática normativa, haveria um erro. O poeta se está referindo ao passado, a uma ação pretérita, e deveria ter escrito "comprida história que não acabava mais" – ou seja, se utilizaria do pretérito imperfeito para conferir duração a uma ação no passado. Mas optou por "comprida história que não acaba mais", no presente do indicativo. Cria-se um erro, entre aspas, gramatical, mas um grande acerto poético, como se verá adiante.

Na segunda estrofe, algo vai alterar esse quadro de pacatas solidões:

A preta velha rompe a solidão do menino, chamando-o para o café. Em relação à família, não houve diálogo, não houve trânsito. É alguém externo a ela que vai inserir o menino num universo sensorial, ligado a cheiros, a luzes, a sabores, numa figuração prazerosa. No meio-dia branco de luz, irrompe uma voz negra. E, se atentarmos para o livro que o menino lia, constatamos que nesse livro, Robinson Crusoe, o rompimento da solidão do protagonista se dá através do contato com uma etnia outra, a do índio Sexta-Feira. É esse o papel, no poema, da preta velha, representante de uma etnia diversa que desperta o garoto para a vida "real", mas um "real" correspondente ao encanto do literário, como se fosse sua duplicação: diluem-se as fronteiras entre o lido e o vivido. O local onde o garoto estava, entre mangueiras, é também a réplica da vegetação tropical onde Robinson viveu sua aventura.

Após o ambiente familiar da estrofe 1, o poeta descreveu um território externo de luz e prazer, na estrofe 2, para retornar ao espaço fechado e doméstico na estrofe 3:

*Minha mãe ficava sentada, cosendo
olhando para mim:*

– Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.

E dava um suspiro... que fundo!

Efetua-se a retomada quase literal de um verso da estrofe 1: "Minha mãe ficava sentada cosendo". Na nova versão: "Minha mãe ficava sentada cosendo/ olhando para mim". De início, é simples repetição de verso, mas agora num contexto em que tudo se altera. Em primeiro lugar, o pai desapareceu. Na ordem familiar reconfigurada, o pai está ausente, uma vez que, na primeira estrofe já fora para o campo: assim, está "do lado de lá", no lado do longe. O afastamento do pai propicia dois efeitos: o primeiro é a criação de outra hierarquia: em "ficava sentada cosendo, olhando para mim", Drummond se insere após a mãe, sem deslocar-se para o derradeiro lugar, como ocorrera na primeira estrofe. Além de o menino galgar para o segundo posto, é na ausência do pai que a mãe, olhando para um

filho, fala do outro. O isolamento do ponto, na estrofe 1, deixa de existir, como se, com a ausência paterna, a família começasse a se mover e, de alguma maneira, a convergir. A mãe que está cosendo é quem costura a relação familiar, na medida em que desata o nó paralisador da intransitividade, dela e das crianças. Todavia, poder-se-ia objetar que, quando se dirige a Drummond, a mãe lhe diz que não fale: "Psiu... Não acorde o menino."; desse ponto de vista, sua fala é uma incitação ao silêncio. Mas, por outro lado, ao preservar o silêncio, a mãe é a figura que permite o sonho.

Essa incitação ao silêncio vai provocar a própria criação do poema: Drummond burla a proibição ao menino Carlos, falando sobre o fato de não ter podido falar, pois, em "Infância", a voz é privativa das mulheres - na segunda estrofe, a preta velha, portadora da promessa de odores e sabores; na terceira, a mãe, portadora do sonho.

Já a figura paterna está de todo alheia, como se verifica na estrofe 4:

*Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.*

Drummond, isola o pai, reforçando-lhe a carga de afastamento através de um dístico em que ele fica literal e graficamente apartado do resto da família. Ora, se o mato é sem fim, se o pai se dirige ao mato, é claro que essa viagem não tem volta. Ele está perdido para sempre. Como o mato é infinito, há de haver sempre outros e longínquos caminhos, para que ele se afaste mais e mais.

"Infância" se fecha pela afirmação "E eu não sabia que minha história/ era mais bonita do que a de Robinson Crusoe", que pode ser associada ao último verso da primeira estrofe: "comprida história que não acaba mais". Sim, porque a história de Crusoe acabou, não era tão bela assim. Acabou quando o herói se reintegrou à civilização. E Drummond, por ter sido poeta a vida inteira, pôde desenvolver essa faculdade de circular ininterruptamente entre o reino da realidade pragmática e esse espaço imaginário onde tudo é possível. Ele pôde brincar de ser Robinson Crusoe com uma ilha portátil de poesia pois, na personagem naufraga, localizamos a própria figuração do poeta, um ser apto a acolher vozes vindas de todas as direções, de todas as culturas e etnias, e recriá-las no timbre particular de sua intransferível dicção. E esse espaço mágico, o mais solitário e o mais povoado de todos, onde o indivíduo consegue transitar da solidão radical para a solidariedade mais irrestrita, atende pelo nome de literatura.

Nota

As citações de versos de Carlos Drummond de Andrade foram extraídas de Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

TORNAR-SE MULHER: DESAFIOS, ATRAVESSAMENTOS E RESISTÊNCIA

início com uma história de tradição religiosa e matriz africana, cuja transmissão oral se dá nos terreiros de candomblé e com a qual me deparei em artigo de Jurema Werneck (Médica, Diretora Executiva da Anistia Internacional e Ativista do Movimento Negro), “De Ialodês e Feministas: reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe”. São chamadas de Ialodês as mulheres que desempenham um papel político promotor de mudanças.

Conta-se a história de Oxum, mulher obstinada que apesar de muitos esforços não conseguia mudar de vida. Vendo que tudo o que fazia era insuficiente para superar suas dificuldades, resolveu procurar ajuda entre os sábios da comunidade. Consultou aos Orixás, de modo a reparar os problemas que vivia. A resposta veio com a necessidade de preparo e entrega de uma oferenda na casa de Orixalá, o Rei, com pedidos em voz alta de tudo que fosse necessário para progredir, e assim foi feito. Chegando lá, ao invés de pedir, Oxum começou a amaldiçoar o Rei, acusando-o de injusto e opulento, enquanto ela, uma mulher trabalhadora não conseguia nada. As maldições contra Orixalá causaram alvoroço e foi juntando gente em frente à casa do Rei. Ouvindo os rumores da multidão, Orixalá convocou os conselheiros pedindo-lhes informações. Estes contaram sobre a mulher que o amaldiçoava, acusando-o de desigualdade e injustiças. Orixalá pede um conselho e eles recomendam-lhe dar a ela um presente para fazê-la calar-se, o que foi feito rapidamente. Recebidos os presentes, Oxum agradece e renova a maldição. O Rei acumulava riquezas, enquanto ela, mulher lutadora, tinha pouco para sobreviver. Novos presentes lhe foram entregues, novas maldições ela dirigiu contra o Palácio, na frente de toda a cidade que observava excitada as acusações contra o Rei, cuja soberania estava sendo posta em questão. Finalmente o rei mandou buscá-la e mandou que lhe dessem tudo o que ela desejasse. Assim, Oxum tornou-se dona de todo o ouro e de toda a riqueza.

Oxum é a Ialodê primordial, que ocupa lugar de destaque entre as mulheres, e é por este viés que entendo a narrativa tecida sobre ela, que não queria presentes nem ser bajulada. Queria respeito, poder, igualdade e justiça. Queria romper com o aprisionamento ao lugar que ocupava, buscando nova posição e a ressignificação do lugar de origem. O mito expõe um dos percursos a respeito do papel feminino negro no Brasil e carrega em si as várias dimensões que permeiam a trajetória da mulher. Aborda “dimensões de luta, de instabilidade de posições, da capacidade humana

de romper com modelos estabelecidos, bem como de refazer novas estruturas de poderes, agenciamento e transformação capazes de serem vividos pelas mulheres” (Werneck). Estão presentes, também, a disposição para o confronto em busca de mudanças na condição, imaginariamente, congelada da mulher.

Não se trata de retirar ou rivalizar com a força e potência do homem, mas de atravessar fronteiras intransponíveis que separam na vida prática os homens e mulheres. Esta travessia nos impõe desafios constantes, desde o plano mais simples, como os ligados aos afazeres domésticos, até os mais complexos, como romper as barreiras de gênero no espaço do trabalho (Oliveira).

“Não se trata de retirar ou rivalizar com a força e potência do homem, mas de atravessar fronteiras intransponíveis que separam na vida prática os homens e mulheres.”

Para Freud, é preciso passar pelo Édipo para que nos tornemos mulheres ou homens. Antes, somos marcados pelos desejos da mãe e do pai que também nos inscrevem ideal e simbolicamente no mundo. Ao nascer, de pronto, a anatomia é o destino. Seremos nomeados menina ou menino, para daí por diante, seguir um curso que culminará na fase edípica, na qual a escolha do objeto do desejo será apropriada pelo sujeito, apartada, ou não, do gênero nomeado. Estamos tratando de um processo singular no qual o sujeito é forjado, pois a passagem pelo Édipo traz consigo a subjetivação, que será marcada pelos atravessamentos de nossos pais, da família e da cultura. Contudo, podemos sair dessa posição primordial, na qual somos objetos do desejo inconsciente dos pais, para outra em que alcançamos a possibilidade de ser sujeito que deseja e constrói o seu porvir. Integrado à questão de gênero, está em jogo o postulado freudiano de atividade e passividade, presente em ambos os sexos, mas cuja polarização está referida à satisfação pulsional. Tramas tecidas pelos processos de identificações derivados da passagem pelo complexo de Édipo e que situam o sujeito na cultura.

O conceito de feminilidade implica uma abertura que pressupõe, de antemão, a falta, e é justamente esta condição de falta e desamparo que conferem ao feminino a disposição para a imprevisibilidade. Vide o mito Oxum, pois por



Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

PSICANALISTA PRESIDENTE DA
SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO
waniacidade@globa.com

feminilidade entende-se “uma postura voltada para o particular, o relativo e o não controle”. A narrativa de Oxum evidencia a dimensão da diferença entre a postura fálica, na qual tudo se sabe e controla, representando o poder absoluto e a dominação, assim como expõe a presença da falta e do desamparo, representados nas demandas de Oxum. Entretanto, não podemos afirmar que não sejam, também, as de Orixalá, posto que o desamparo se faz notar no Rei, quando este recorre incessantemente aos Conselheiros. Suspende-se então a conduta fálica e abre-se “uma experiência de perda de contornos e certezas” (Birman).

Percorridos os desafios e atravessamentos, verificamos que se trata de uma questão não somente psicanalítica, mas também, objeto de militância política.

Para terminar, gostaria de falar da resistência positivada, como força Ialodê: vigor, tenacidade, determinação e perseverança. Destaco a marcha das mulheres negras, ocorrida em 2015, em Brasília, e presto homenagem a uma autêntica Ialodê: Virgínia Bicudo. Estas referências não são as únicas atividades do movimento mundial de mulheres, mas representam movimentos silenciados pela mídia e pelo meio científico.

Foram três anos de trabalho, em todo o Brasil, para organizar a marcha, suas líderes promoveram ações sem as luzes e o reconhecimento que tiveram as mulheres da revolução feminista dos anos 50 e 60. Foi um ato contra o racismo, a violência e pelo bem viver, cujo objetivo foi revelar e dar visibilidade à resistência, as angústias e vozes de mais de 50 mil mulheres negras brasileiras, presentes no DF e que vivem, cotidianamente, o genocídio, a pobreza, a exclusão e o feminicídio. Estas mulheres seguem na esteira de Virgínia Leone Bicudo, uma das primeiras mulheres da América Latina a se submeter ao método psicanalítico. Virgínia foi fundadora das Sociedades Psicanalíticas de São Paulo e de Brasília e é considerada a primeira mulher a escrever uma tese sobre relações raciais no Brasil, além de ser a primeira psicanalista brasileira não médica. Foi com base na sociologia, profissão de origem, e na psicanálise, que tentou compreender as dores e questões sofridas pelo racismo. Processos de construção e fortalecimento de uma luta de 500 anos.

Desafios para os estudos de gênero no contexto contemporâneo:

BREVE REFLEXÃO

Nos 50 anos da Febrapsi, fui convidada a participar de uma mesa (06.05.17) junto com Wania Cidade, para conversarmos sobre o tema “Psicanálise e a Mulher”. Para abordar o assunto, sugeri pensá-lo sob a perspectiva sócio-antropológica uma vez que não sou psicanalista, mas acredito ser pertinente refletir sobre os desafios das relações de gênero no contexto contemporâneo e numa perspectiva multidisciplinar. O tema é bastante amplo e de difícil decisão elencar os principais desafios, especialmente no contexto atual marcado por vertiginosas mudanças. No esforço de síntese e tradução interdisciplinar, começamos a conversa por situar o tema e sua abordagem, para depois elencar um rol de subtemas conectados.

Para o entendimento da abordagem foi fundamental compartilharmos a premissa de que o conhecimento é socialmente construído e que múltiplas perspectivas teóricas convivem no campo de estudos de gênero ou teoria de gênero. Em concordância, uma formulação central: gênero e sexo são distintos e gênero refere-se à construção das diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres. Por se constituir como uma categoria que enfatiza a relação (no caso entre os sexos feminino e masculino) um amplo espectro de análise se torna possível, tanto objetiva (reprodução sexual, inserção social, trajetórias, carreiras e profissões, configurações familiares), quanto subjetivamente (construção da sexualidade e de identidades, por exemplo). Sob esse aspecto, uma questão central aflora no sentido de não se prender (se possível não reproduzir) aos pares binários (homem/mulher; pai/mãe; forte/fraco; agressivo/sensível), mas sim pensar nas condições de possibilidades que se constituem a partir deles e, ao mesmo tempo, refletir em que medida podem criar uma essência (ser homem ou mulher, por exemplo). Portanto,

um aspecto central de nossa conversa foi sobre a interseccionalidade entre diferentes categorias (raça, sexo, classe social, geração) e como pensá-la no contexto em que vivemos (social, econômico político, cultural, histórico).

Partindo do princípio de que a produção de conhecimento é uma prática social (seja na psicanálise ou nas Ciências Sociais), os estudos de gênero chamam atenção também para a dimensão reflexiva uma vez que as feministas colocaram em xeque as condições em que esse conhecido era e é produzido. Ao produzirem pesquisas e estudos, muitas feministas passaram a refletir sobre esta prática e a teorizar sobre o seu contexto, o que hoje permite múltiplas possibilidades de análise.

Para sintetizar, selecionamos algumas dimensões que julgamos principais e foram traspostas para as seguintes perguntas:

- 1) a construção das relações de gênero em si mesmo: em que medida homens e mulheres se relacionam de modo a reproduzir um padrão de relacionamento ou que novas possibilidades podem ser constituídas como é o caso das diferentes identidades de gênero?;
- 2) as diferenças entre gerações são capazes de provocar relações mais igualitárias entre homens e mulheres – dado que perpassa todas as gerações – ou os temas das “desigualdades de gênero” ou “entre os sexos” diz respeito apenas às gerações anteriores?;
- 3) qual o lugar das relações raciais nos estudos das relações de gênero e vice-versa?;
- 4) a divisão sexual do trabalho (trabalhos femininos e masculinos) representa um fator de mudança ou de permanência das diferenças entre os sexos e das configurações familiares?;
- 5) é possível desenvolver estudos sobre essa temática sem considerar as relações de poder e a sub-representação feminina?;
- 6) em que medida o trabalho remunerado constitui um aspecto inseparável da autonomia?;
- 7) as diferentes expressões da violência de gênero (social, psicológica, física, sexual, política, econômica) são objeto de políticas públicas numa sociedade democrática?

“Partindo do princípio de que a produção de conhecimento é uma prática social (seja na psicanálise ou nas Ciências Sociais), os estudos de gênero chamam atenção também para a dimensão reflexiva uma vez que as feministas colocaram em xeque as condições em que esse conhecido era e é produzido. “



Delaine Martins Costa

PESQUISADORA, ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA – ENSP, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

delaine.costa@ensp.fiocruz.br

Por fim, sugerimos que outras dimensões e perguntas possam ser formuladas, o que certamente, permitirá aprofundar e complementar o diálogo que iniciamos, além de promover conexões com o campo da psicanálise, seja pela incorporação direta do tema (como fez a pioneira Virginia Bicudo), ou até mesmo indireta, a partir do contexto que afeta todos que buscam a psicanálise.

PSICANÁLISE: UMA ARTE RESPONSÁVEL

De uma psicanálise contemporânea, em busca de seus carros-chefes, a noção de obra aberta é quase um consenso. Interpreta-se mais ou menos, aponta-se o foco para o intrapsíquico ou para o ambiente, a técnica é mais ou menos ativa, tangencia ou adentra a linguagem e assim por diante. Porém, menos controvérsias apontam para essa possibilidade de uma abertura da técnica ao campo e aos significados, conforme nos sussurram autores dentro da psicanálise como Baranger ou, fora dela, como Kant e Eco.

Nomeada a premissa de uma psicanálise ancorada entre a contradição e a polissemia (como um poema), podemos reunir análise e responsabilidade de infinitas formas – é obra aberta -, ou tantas quantas forem os seus analistas. Adentre-se ética e moral, tão alvejadas por Freud, adentre-se o contrato e assim por diante.

Aqui, tomamos a arte como ponto de partida para abordar a questão da responsabilidade. Pode-se questionar o quanto Freud acertou como esteta em sua dita psicanálise aplicada, mas não a importância da arte e da cultura em sua obra. A rigor, quase todos os seus textos são aplicados ou, pelo menos, a imensa maioria.

A Interpretação dos Sonhos não viveria sem as referências literárias. Tampouco, O Estranho ou Para além do princípio de prazer. A lista corre um sério risco de se tornar as obras completas, contando-se tão somente aquelas em que a arte não aparece mais direta ou explicitamente. Para os mais claramente “aplicados”, desde as análises do romance *Gradiva*, de Jensen, à estátua Moisés, de Michelangelo, a arte aparece em primeiro plano com uma evolução no rumo de uma obra aberta.

E pode valer o mesmo para autores mais recentes, cuja maior parte das obras pode ser considerada “estética” como Bion ou, mais recentemente, Green e Ogden. Que a psicanálise não seria a mesma sem a arte é outro consenso com a quase certeza de que nem existiria: a influência freudiana na arte e na cultura é ainda hoje menos questionada do que a eficácia terapêutica.

Nesse sentido, é possível pensar a psicanálise a partir da responsabilidade e a responsabilidade a partir da arte. Ou da condição do artista que tanto fascinou Freud. O artista como o neurótico, como a criança capaz de brincar, o artista como aquele que sublima, simboliza, encontra uma saída estética e eficaz para o recalamento. O artista como produtor de humor, como um valente

diante de seu Supereu e assim por diante.

Ao valorizarmos uma obra como atrelada a seu receptor – e, por isso, aberta – a dita psicanálise aplicada reconhece e valoriza a evolução do próprio Freud. Em Leonardo da Vinci, texto magnífico em sua forma e precursor de um tema tão atual como o narcisismo, nós encontramos um autor ainda envolto às garras de certo reducionismo. Lemos ali um Freud mais patográfico que, sem jamais ter posto o artista no divã, é capaz de explicações mais fechadas entre as causas de uma lembrança de infância e as eventuais consequências de uma neurose ou uma arte.

“Se falta símbolo ao mundo, se falta arte na realidade, a psicanálise candidata-se a esse espaço necessário de encontro e narrativa.”

Poucos anos depois, o mesmo Freud abriu a tampa. Michelangelo também não foi para o divã, mas as explicações aqui rareiam. Ao contrário, lemos um Freud implicado com a forma da arte sobre a qual reflete e na qual mergulha, menos preocupado em diagnósticos e desvendamentos. A busca soa como a de sentidos e, quanto mais sentidos, melhor. O foco é na forma, na linguagem e o reconhecimento dos limites da psicanálise para a compreensão do fenômeno estético soa mais sincera e verdadeira.

A importância disso para a clínica parece-nos enorme, especialmente em tempos para além do princípio da dualidade ou tão narcisistas e fanáticos de uma cultura novamente pouco afeita a nuances, dúvidas, incertezas ou relativismos. Os fanáticos ostentam – sem saber, é claro – o seu sintoma da certeza absoluta dentro e fora das fronteiras de nosso país. É incrível o quanto o Século XXI continua próximo do XI ou XII em decisões assertivas e autocráticas de que nos salva a esquerda, a direita e de que estão certos ou errados israelenses, palestinos. Falta-nos, assim, poesia como a de Cecília Meireles, legitimando isso e aquilo. Reunindo. Ligando.

Se falta símbolo ao mundo, se falta arte na



Celso Gutfreind

MEMBRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE,
autor de *Crônica dos Afetos – a psicanálise
no cotidiano* (Artmed, 2016)
celso.gut@terra.com.br

realidade, a psicanálise candidata-se a esse espaço necessário de encontro e narrativa. De enfrentamento à certeza do sintoma para adentrar a abertura do símbolo e de uma história. Sim, é arte. Parece cada vez mais esgotada a tópica inicial da explicação do inconsciente que, como uma neurose (ou uma arte), é inesgotável em suas eventuais explicações. Entra uma, sai outra como em um jogo de espelhos ou um labirinto à La Borges que, com razão e emoção, tanto encanta críticos literários e psicanalistas.

A psicanálise candidata-se a esse espaço de reserva (potencial, lúdico?) onde a responsabilidade maior parece ser produzir pensamento e sentimento, integrá-los, multiplicá-los, criar esperas para quando não vêm a ponto de torná-los tão esteticamente possíveis que já não haveria espaço para uma só ideologia, um só conceito, dogmas, preceitos.

Assim, o psicanalista responsável pode ser aquele que ainda se despe de sua pobre ideologia e de sua parca religião para mergulhar em algo muito mais profundo e transcendente. Na arte e aqui me permito transcrever o trecho de um ensaio de Amós Oz, romancista israelense que preconiza um compromisso pela paz:

Assim, um boato dirá: “Oh, o homem está ficando velho!” Um romancista medíocre escreverá: “A velhice é uma coisa tão triste!” Mas Tchekhov pode escrever sobre um velho médico curvando-se para uma moça desmaiada, tomando seu pulso, erguendo-se e pronunciando estas três palavras devastadoras: “Eu esqueci tudo”.

Freud pode ter passado a vida a elaborar o luto de não ter sido um Goethe, um Shakespeare ou mesmo um Zweig, artistas em carne e osso, expressivos e inexplicáveis. Talvez passemos a nossa a fazer o mesmo em relação a Tchekhov. Mas a responsabilidade, na página da clínica, sem traços de obra, mas com muitos rastros de vida, há de ser continuar tentando esse arejamento de sintomas e certezas em busca de arte, símbolo, abertura e novas histórias

A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE NA PSICANÁLISE

A Febrapsi, ao criar a Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC), assume a responsabilidade de coordenar e estimular ações de interface da Psicanálise na cultura. Observamos os modos como os indivíduos interagem e se integram na busca da realização de uma vida societária solidária. Passamos a refletir como a psicanálise pode contribuir na compreensão da constituição da responsabilidade individual e coletiva.

A palavra “responsabilidade” deriva de *respondere*, “responder”. No senso comum, é a obrigação de responder pelas próprias ações em relação a si e ao outro, segundo valores éticos e morais, crenças e costumes.

A moral tem caráter exclusivamente social. Refere-se aos atos conscientes e voluntários que afetam outros indivíduos, grupos ou sociedade. E, ao colocar-se criticamente frente a essas normas, o ser humano inventa a reflexão ética, no sentido de incluir a subjetividade, o que permite afirmar que a ética suporta a moral. Sobre esse tema focamos o texto.

Acompanhando Money-Kyrle (1955/1996), podemos nos perguntar “como nossa moral e política são afetadas à medida que nos tornamos mais conscientes de nós mesmos” e do mundo do qual fazemos parte.

Em sua análise sobre a contemporaneidade, Zygmunt Bauman conceitua a modernidade como *líquida*, constituída por uma sociedade de consumidores. Tudo é descartável: pessoas, amigos, família, instituições etc. Perenidade e estabilidade foram suprimidas do léxico e da vida contemporânea. A instabilidade é a norma geral. Não nos relacionamos: conectamos e desconectamos. A subjetividade é “esquecida”, os projetos individuais são as prioridades, sem referências coletivas e éticas. A possibilidade da construção de pactos fraternos está cada vez mais distante. Parte da nossa prática clínica aponta nessa direção.

A invenção da Psicanálise é acontecimento que impõe tanto à ciência quanto à cultura um novo olhar sobre a vida. O edifício teórico e clínico freudiano abala a própria concepção da verdade vigente e se coloca como outra forma de compreender a relação pensamento/realidade.

ÉTICA E POLÍTICA: DA FILOSOFIA À PSICANÁLISE

Roger Money-Kyrle escreveu artigos sobre ética e política numa tentativa de entender o ser humano e as dinâmicas sociais. Sugere que se quisermos investigar a convivência dos indivíduos na Pólis há que se olhar para a evolução



Maria Elizabeth Mori
Cíntia Xavier de Albuquerque
Carlos Cesar Marques Frausino

humana. Na luta pela sobrevivência, o homem tornou-se o principal rival de si mesmo. Para tanto, desenvolvemos uma dupla atitude em relação aos demais humanos: cooperar em grupo para guerrear contra adversários. Ao mesmo tempo, desenvolvemos capacidades afetivas conflitantes: de lealdade às pessoas que amamos, nossos amigos, e disposição constitucional para matar os inimigos, os quais odiamos. A rivalidade letal ocorre onde não há lei e ordem para mantê-la sob controle.

“Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis à vida ética.”

A contradição existente entre lealdade e impiedade cria mecanismos de defesa para que o indivíduo possa se livrar de sentimentos que passam a afligi-lo. Atua aí o superego inconsciente. Além da cisão de sentimentos ambivalentes no objeto, passa a cindir partes de si mesmo – principalmente as relacionadas ao que não é socialmente aceito – e projetá-las em algo ou alguém visando livrar-se da culpa inconsciente.

Além das ideias freudianas sobre os dois princípios do funcionamento mental,

Money-Kyrle utiliza proposições kleinianas referentes aos níveis mais primitivos do desenvolvimento. Estados persecutórios e depressivos são atuados por identificação projetiva contra o pensamento realístico. Mirando na política: ansiedades persecutórias e defesas maníacas sobrecarregarão de tensão emocional a vida na cidade, propiciando o surgimento de conflitos inconscientes agudos, intensificados por inveja e voracidade, que promovem estados mentais confusionais nos indivíduos e nos grupos, comprometendo, assim, a constituição da democracia.

No processo de desenvolvimento civilizatório as questões éticas, para o mesmo autor, têm nos confrontado com dois problemas complexos e interrelacionados: a escolha dos meios para alcançar um determinado fim e a escolha da finalidade a ser alcançada. O problema deve ser respondido a partir da questão “o que o nosso superego quer que procuremos ou evitemos?” Pelo fato de estarmos diante de uma questão subjetiva, não há resposta única. Tudo dependerá do quanto a combinação da figura parental é sentida como má e persecutória ou boa e benéfica. Onde predomina a perseguição as reações são de apacramento. O predomínio de objetos benéficos favorece as reparações.

Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis à vida ética. Fala Mia Couto: “O que nos separa do futuro que todos queremos? Uma nova atitude. A palavra deve ser pronunciada no plural...”



SPFOR GANHA STATUS DE PROVISIONAL SOCIETY

Sociedade de Fortaleza recebeu o reconhecimento no Congresso da IPA

Em 27 de julho desse ano, durante o IPA Business Meeting, no 50º Congresso Internacional em Buenos Aires, foi ratificado, em votação, o status de Provisional Society à Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR.

A presidente da SPFOR, Regina Esteves, proferiu algumas palavras para comemorar a ocasião e dirigir agradecimentos a todos os envolvidos na construção dessa sociedade.

MEMBRO DA FEBRAPSI CONQUISTA O MAIS IMPORTANTE PRÊMIO DA PSICANÁLISE INTERNACIONAL



Roosevelt Cassorla

Dia 27 de julho, no Congresso da IPA, em Buenos Aires, o psicanalista Roosevelt M.S. Cassorla, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do Grupo de Estudos de Campinas (GEPCampinas), foi contemplado com o

Sigourney Award, mais importante prêmio da psicanálise internacional, devido às suas contribuições para o progresso da Psicanálise. São cinco livros publicados e aproximadamente 200 capítulos de livros e artigos científicos. O mais recente livro é "O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica de Enactement", editado pela Blucher em português e pela Karnac em inglês.

Cassorla, professor titular da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Membro do Conselho Editorial do *International Journal of Psychoanalysis* e de várias revistas psicanalíticas. É membro do Comitê Assessor do Dicionário Enciclopédico da IPA. Suas atuais linhas de investigação se referem à adolescência, suicídio, técnica analítica com pacientes de difícil acesso e processo de simbolização. Ele coordena Working Party "Microscopia da Sessão Analítica".

Feliz com o reconhecimento, Cassorla destaca "a honra de estar na companhia de Hanna Segal, André Green, Betty Joseph, Jean Laplanche, Joyce McDougall, Antonino Ferro e os colegas brasileiros Elias Rocha Barros, Claudio Eizirik e Leopold Nosek, que receberam o prêmio em anos anteriores. Divido-o com todos os colegas brasileiros".

MORTE E VIDA NOVAS CONFIGURAÇÕES

XXVI CONGRESSO
BRASILEIRO DE PSICANÁLISE
1º a 4 de novembro 2017
Centro de Eventos do Ceará
Fortaleza | Ceará

REALIZAÇÃO

FEBRA PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

APOIO

spfor
sociedade
psicanalítica
de fortaleza

